

Hermenêutica e educação: o sentido gadameriano de diálogo ressignificando as relações pedagógicas

Raimundo José Barros Cruz*

Resumo

O significativo êxito alcançado pela Hermenêutica no interior do debate atual das ciências deve-se a seu posicionamento crítico sobre o modo de pensar e proceder das ciências naturais, e à tendência legitimadora de um sujeito racional, dominador dos contextos possíveis. Tratar das relações pedagógicas, tomando o diálogo hermenêutico como condição e mediação indispensáveis ao processo de formação e educação do envolvidos no processo pedagógico, remete-nos, portanto, ao enfrentamento crítico das estruturas monológicas de uma sociedade contemporânea reveladora da incapacidade para o diálogo. A Hermenêutica Filosófica de Hans-Georg Gadamer, será terreno fértil para que a discussão seja levada em frente; ajudando-nos a pensar as relações pedagógicas numa perspectiva dialógica rompendo com qualquer pretensão dominadora, contribuindo para a fundamentação de uma educação pautada no crescimento mútuo e construção de infinitos saberes.

Palavras-chave: Hermenêutica, Educação, Racionalidade, Diálogo.

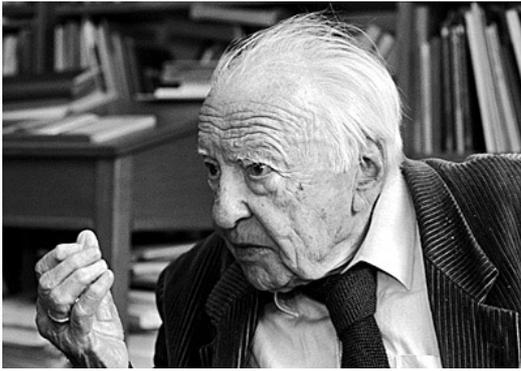
Abstract

The significant achievement by the Hermeneutics of the current debate within the sciences is due to his critical position on how to think and do the natural sciences, and the trend of legitimizing a rational subject, ruler of possible contexts. Address the pedagogical relationships, taking the hermeneutic dialogue and mediation as a condition indispensable to the process of training and education involved in the educational process, leads us therefore to face critical of monological structures of contemporary society reveals an inability to dialogue. The Philosophical Hermeneutics of Hans-Georg Gadamer, is fertile ground for that discussion is carried forward, helping us to think the relationship dialogic pedagogical perspective breaking any pretense dominating, contributing to the reasons for a guided education in mutual growth and construction of endless knowledge.

Key words: Hermeneutics, Education, Rationality, Dialogue.



* **RAIMUNDO JOSÉ BARROS CRUZ** é Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da (UPF) Universidade de Passo Fundo.



Hans-Georg Gadamer (1900-2000) – Fotos de Philipp Rothe disponível em http://www.uni-heidelberg.de/press/news/press72_e.html

1. A Hermenêutica Gadameriana

Hans-Georg Gadamer, nascido em 2 de fevereiro de 1900 e falecido em 13 de março de 2000, foi filósofo alemão, principal representante da corrente hermenêutica em seu país. Foi aluno de Heidegger e sucedeu Karl Jasper na cadeira de filosofia da Universidade de Heidelberg (1949). Seu pensamento encontra-se marcado pelas influências de Dilthey, Heidegger e toda a tradição hermenêutica alemã. Procurou com seus trabalhos desenvolver uma tentativa de interpretação do ser histórico através de sua manifestação na linguagem, uma vez que esta se apresenta em seu pensamento, como uma forma básica da experiência humana.

Esse processo se inicia em 1918, quando Gadamer deixa o Instituto do Espírito Santo, em Breslau, e no último ano da primeira grande guerra realiza suas primeiras visitas à Universidade de Breslau. Durante este período, nenhuma decisão definitiva em relação aos estudos acadêmicos de filosofia, surgia como prioridade em sua vida. O conflito de Gadamer com as ciências naturais tem raízes profundas, se faz presente nos primórdios de sua formação intelectual. Filho de um ortodoxo pesquisador das ciências naturais, teve que conviver com o sentimento de decepção por parte do pai, por não

aceitar o desinteresse do filho por tais estudos. Conviveu por um longo tempo com as tentativas do pai em despertar seu interesse pelas pesquisas nas ciências naturais. Afirma Gadamer: “isso porque soube desde o começo de meus estudos universitários, que eu simpatizava com os ‘professores charlatães’. Ele não impediu, mas durante toda sua vida esteve decepcionado comigo” (2002, p. 545). Atraído por inúmeras disciplinas e experimentando várias delas, Gadamer dá início a sua odisséia universitária, a qual culminará, dentre outras coisas, com seus estudos hermenêuticos. Mais tarde, ao deixar de lado sua fixação pela literatura da história e da história da arte, desperta pela filosofia, o que “não era simplesmente o abandono de uma tendência para dedicar-se a uma outra, mas a lenta iniciação em um trabalho disciplinado” (GADAMER, 2002, p.545). O tumultuado cenário histórico advindo do evento da segunda grande guerra, e a situação em que se encontrava naquele momento a Alemanha, não favoreciam segundo Gadamer, “uma conformação com uma longa tradição. Desse modo, a desorientação reinante, foi um incentivo a mais para abordar as questões filosóficas” (2002, p. 545).

No campo da própria filosofia, não se fazia mais possível, principalmente para os jovens filósofos, uma simples reprodução do que havia sido criado pela geração anterior. “Nós na época jovens, buscávamos uma nova orientação em um mundo desorientado” (GADAMER, 2002, p. 545). Uma orientação que se posicionasse para além de um neokantismo derrotado, mesmo que na época gozasse de uma significativa e contestada vigência mundial, e uma nova posição frente ao desmoronamento da orgulhosa consciência cultural da época liberal de

crença fundamentalista no progresso científico.

O predomínio das ciências naturais continuou sendo determinante neste contexto e também posteriormente. “Imperava um sentimento catastrofista nos setores ideológicos da literatura e da ciência, sentimento que induzia a recolher-se em si mesmo propiciando a ruptura com as antigas tradições” (GADAMER, 2002, p. 546). Todo esse contexto conflituoso, onde se tornava cada vez mais claro o embate entre novos saberes e os saberes apresentados pela tradição, moldava-se a passos lentos fazendo emergir as possibilidades para uma nova forma de racionalidade, que se apresentará em Gadamer como Hermenêutica. Emergem deste contexto os olhares relativizantes de toda a tradição ocidental, principalmente quando os questionamentos tinham como alvo a forma objetiva e dominante herdada pelo ocidente com o advento da ciência moderna.

Em 1919 Gadamer chega a Marburgo para uma nova experiência de estudos. Dentre a rica experiência que pode ter durante este período, não pode deixar de ser destacada a contundente crítica feita à teologia histórica, empreitada pela denominada teologia dialética e pelo neokantismo. Motivados pelo espírito inovador, os jovens estudantes deixavam estes saberes e exaltavam cada vez mais a descrição fenomenológica husserliana; sobretudo a filosofia da vida, por trás da qual esta Friedrich Nietzsche, o “acontecimento” europeu que impregnou todo nosso sentimento cósmico, e em conexão com ele, ocupou os jovens pensadores com o problema do relativismo histórico debatido à luz de Wilhelm Dilthey e de Ernest Troeltsch (GADAMER, 2002, p. 547).

Neste contexto ganhava destaque ainda a experiência da arte, que de certo modo afetava também a filosofia. Esta surgia como “um verdadeiro órgão da filosofia ou quem sabe até seu interlocutor maior, era uma verdade que preocupou a filosofia do romantismo alemão até o final da era idealista” (GADAMER, 2002, p. 548). O lugar ocupado pela arte, em meio às aspirações dos grandes filósofos, sugeria uma verdadeira busca pela verdade submetida às leis objetivas da cientificidade e do progresso científico. Deixa claro Gadamer: “esse sentimento foi caracterizado na Alemanha como existencial, sob a influência de uma apropriação de Kierkegaard” (GADAMER, 2002, p. 548).

O contexto histórico, cultural e intelectual da época emergia, portanto, com esse modo diverso de ser. Os jovens pensadores lançavam-se numa batalha titânica em busca de novas saídas para o pensar. Pergunta então Gadamer: “onde está o pensador cuja força filosófica podia fazer frente a esses desafios? Onde poderia surgir algum amparo intelectual?” (GADAMER, 2002, p. 549). Husserl apresentou-se de início como a nova saída, todavia, sua busca por uma evidência última, assessorada por seu rigor metodológico que acabou por encontrar seu melhor apoio filosófico no neokantismo. No entanto, o amparo intelectual onde os jovens pensadores puderam se alimentar se fez possível com Heidegger. Estabelecido este novo paradigma, abriram-se os novos caminhos para o pensar da época. Gadamer se auto-professa discípulo de Heidegger e reorientando suas investigações filosóficas abrirá os novos caminhos de onde se erguerá o gigantesco universo hermenêutico.

Foi em 1924, por ocasião do aniversário de Pau Natorp, declara Gadamer, que a nova redução filosófica às experiências básicas da existência humana encontrou um primeiro principiado em seu artigo. Tornando-se o documento de sua imaturidade e da mesma forma, o testemunho do seu novo compromisso e inspiração em Heidegger (2002, p. 550). O atrativo heideggeriano residia no modo com que as estruturas do pensamento ocidental ganhavam nova dinâmica em consonância com novas perguntas e respostas. “A descoberta da história de sua motivação dava a essas perguntas um caráter de ineludibilidade” (GADAMER, 2002, p. 551). Sistematiza-se neste uma condução do pensamento histórico em busca da recuperação dos questionamentos da tradição, que em Heidegger tornara-se vivo pela intensidade com que ele fazia reviver a filosofia grega. Este foi o caminho, traçado aqui de forma genérica, vivenciado por Gadamer ao introduzir-se na universalidade da Hermenêutica. O início dos estudos sobre filologia clássica, em especial os filósofos gregos, foi o marco decisivo para o novo caminho a ser percorrido pelo pensamento gadameriano. Dentre outros estudos, Platão continuou sendo o centro de seus interesses.

O ano de 1949, depois de anos como estudante e docente, em Marburgo, Gadamer aceita o convite para a sucessão de Karl Jasper em Heidelberg. Foi, além das muitas atividades, um momento favorável à concentração em seus planos de trabalho, resultando em 1960 em sua monumental obra *Verdade e método*. O debate é levado em frente por Gadamer em três esferas, as quais, segundo ele, encontram-se presentes na experiência hermenêutica: a esfera estética, a esfera histórica e a esfera da linguagem. Em sua filosofia

encontramos os traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica, e junto à sua teoria, conceitos-chaves, tais como o sentimento de pertença e familiaridade a uma determinada tradição.

Esses conceitos trabalhados por Gadamer surgem exatamente contra o distanciamento alienado que é provocado pelo modo de proceder da ciência moderna. Sua intenção é tematizar a compreensão da experiência humana no mundo, mundo este que desde já se dá interpretado. A hermenêutica de Gadamer procura se afirmar como uma racionalidade. As exigências de tal racionalidade surgem exatamente da oposição a uma época onde a procura pelo saber segue de forma estreita a racionalidade dos procedimentos empíricos-formais. Portanto, a hermenêutica procura propor um exercício metodológico adequado às ciências humanas. A hermenêutica gadameriana “quer fazer valer o fenômeno da compreensão diante da pretensão de universalidade da metodologia científica (HERMANN, 2002, p. 16). Assim, tratar do diálogo hermenêutico exige a consciência de todo esse processo histórico, e do esforço próprio da hermenêutica que se constitui em superar a objetividade estática das ciências naturais e apresentar um novo modo de realcionar, onde o diálogo hermenêutico mantém-se como pivô central.

2. Da incapacidade para o Diálogo

A modernidade carrega consigo a substancial herança resultante da superestima iluminista em relação ao impulso dominador da racionalidade instrumental. O favorecimento impositivo ao desenvolvimento técnico-científico, próprio da modernidade, veio resultar na auto-instrumentalização do próprio homem. É nesse contexto que o método das ciências naturais legitima a

posição de um sujeito dominador. A modernidade converte, portanto, as relações epistemológicas, “num conhecimento de contextos domináveis através da investigação isolada” (GADAMER, 1983, p. 42). Encontramo-nos no interior de uma sociedade influenciada e determinada pelo avanço técnico-científico, o que nos obriga a refletir sobre as relações pedagógicas e as condições instrumentais de sua condução.

O diálogo é tratado por Gadamer em vários momentos em sua obra. Em *Verdade e Método II*, esta temática é tratada mais especificamente no ensaio sobre “A incapacidade para o Diálogo”. Deteremos-nos por um instante em clarear o entendimento sobre o diagnóstico gadameriano de uma sociedade contemporânea reveladora da incapacidade para o diálogo a partir deste seu ensaio, e num item seguinte trataremos do diálogo hermenêutico e sua produtividade para se pensar relações pedagógicas. Gadamer está convencido de que a sociedade contemporânea revela-se incapaz para o diálogo, condição esta que se apresenta associada ao desenvolvimento técnico-científico. Quanto mais a sociedade contemporânea se desenvolve no que diz respeito aos aspectos técnicos e científicos, mais ela se mostra incapaz para o diálogo. Nesta condição, a sociedade contemporânea inviabiliza as possibilidades de relações dialógicas, o que, segundo Hermann, significa não tomar o diálogo em seu sentido mais exigente, ou seja, aquele diálogo próprio do modo da hermenêutica filosófica se estruturar, que busca a espontaneidade viva do perguntar e responder, do dizer e deixar dizer (2002, p. 90).

A incapacidade para o diálogo pode ser identificada nos vários tipos de diálogos

reconhecidos por Gadamer: o diálogo pedagógico, a negociação oral, o diálogo terapêutico e o diálogo confidencial. Ao tratar do diálogo pedagógico, o teórico toma o diálogo entre professor e aluno – mestre e discípulo – com um das formas mais remotas de diálogo. E alerta para a comum dificuldade que os professores possuem, de manter posturas e relações dialógicas. O que pode acontecer, afirma Gadamer, é que, “aquele que tem que ensinar acredita dever e poder falar, e quanto mais consistente e articulado por sua fala, tanto mais imagina estar se comunicando com seus alunos” (2002, p. 248). Nesta perspectiva, “a incapacidade para dialogar dá-se principalmente por parte do professor, e sendo o professor o autêntico transmissor da ciência, essa incapacidade radica-se na estrutura de monólogo da ciência moderna e da formação teórica” (GADAMER, 2002, p. 248).

Outro tipo de diálogo é a negociação oral, uma práxis social comum entre sócios comerciais e também nas negociações políticas. Ao tratar da questão Hermann esclarece que o êxito desse tipo de diálogo ocorre quando surge um acordo, o que pressupõe que sempre se precisa saber ouvir, de modo a superar nossas próprias limitações. Contudo os envolvidos não são tocados enquanto pessoas, mas somente na media em que administram seus próprios interesses (2002, p. 92).

O diálogo terapêutico, próprio da prática psicanalista, é impossibilitado pelo fato de a relação dialogal que deve proceder naturalmente entre as pessoas, encontrar-se impedida por existir uma condição patológica de outrem. O que procede é a impossibilidade de comunicação natural do doente preso a representações delirantes, com o mundo

que o rodeia. Preso a seu mundo delirante, o doente perde a total capacidade de ouvir realmente a linguagem do outro. Assim, o específico no “diálogo terapêutico psicanalítico é, pois, que se propõe curar a incapacidade para o diálogo, que constitui aqui a própria enfermidade, sem seguir outra via que não seja o diálogo mesmo” (GADAMER Apud ALMEIDA, 2002, p. 130).

O diálogo confidencial é tomado como a incapacidade que não se confessa a si mesma; flagrada na atitude de alguém que não põe a si mesmo em diálogo, identificando apenas em outrem esta incapacidade, como no caso da famosa expressão: “contigo não se pode falar”. Para Gadamer essa incapacidade pode ser tanto subjetiva, relacionada à incapacidade de ouvir; como objetiva, associada à crescente degradação da linguagem comum entre os seres humanos, por conta da forte tendência que tem o homem moderno de se adaptar à situação monológica própria da cientificidade que marca a sociedade contemporânea.

3. O diálogo como dimensão constituinte das relações pedagógicas

O esforço em tratar das relações pedagógicas numa perspectiva hermenêutica encontra-se ligado ao que Dalbosco propõe ao afirmar que para levar a sério as ciências humanas e a própria pedagogia temos que tratar desta questão do quanto nossa vida e nosso fazer pedagógico são invadidos pelo poder da técnica e, por exemplo, o quanto somos bombardeados cotidianamente por informações e, ao mesmo tempo, tornamo-nos incapazes de dialogar. É no contexto desta problemática que o diálogo deve ser resgatado como núcleo central das ciências humanas e da própria pedagogia (2007, p. 58).

O modelo dialético platônico é por excelência a base a partir da qual Gadamer procura justificar a estrutura especulativo-dialógica da linguagem. Para este autor, “a linguagem é o meio em que se realizam o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre a coisa em questão” (GADAMER, 1997, p. 497). O autor encontra na dialética platônica, centrada na pergunta e resposta, o caminho para uma melhor compreensão. Para Gadamer, a conversação é um processo de acordo. Toda verdadeira conversação implica nossa reação frente ao outro, implica deixar realmente espaço para seus pontos de vista e colocar-se no seu lugar, não no sentido de querer compreendê-lo com essa individualidade, mas compreender aquilo que ele diz. Importa respeitar o direito objetivo da sua opinião, a fim de podermos chegar a um acordo em relação ao assunto em questão (1997, p. 499).

Para este autor, “a capacidade para o diálogo é um atributo natural do ser humano” (GADAMER, 2000, p. 130). Portanto, a linguagem, como dimensão inerente ao ser humano, só existe no diálogo. O diálogo nos remete a “um processo entre seres humanos, o que apesar de toda extensão e infinitude potencial possui uma unidade e harmonia próprios” (GADAMER, 2000, p. 134). É possuidor de uma “força transformadora” (GADAMER, 2000, p. 134). Revela o que é próprio do ser humano e só realmente se efetiva, “quando deixou algo dentro de nós” (GADAMER, 2000, p. 134). Um diálogo só se torna verdadeiramente diálogo, quando “algo outro veio ao nosso encontro que ainda não havíamos encontrado em nossa experiência própria do mundo” (GADAMER, 2000, p. 134). É com esta reflexão em torno

diálogo que Gadamer justifica sua filosofia hermenêutica.

Ajudando-nos na compreensão das razões pelas quais Gadamer atribui fundamental valor ao diálogo, Dalbosco nos afirma que o teórico se apóia em duas razões fundamentais: uma de ordem sistemática e outra histórica. A sistemática é buscada na própria história da filosofia, principalmente na filosofia socrática, na qual o diálogo maiêutico assume condição de possibilidade do exercício filosófico e de outras atividades humanas num sentido mais amplo. A filosofia nasce dialogando e só tem sentido pelo diálogo e isso vale também para a pedagogia. A razão histórica se deve a uma constatação feita sobre um fato preocupante na sociedade contemporânea: quanto mais ela se desenvolve técnico-cientificamente, mais incapazes as pessoas se tornam para o diálogo. Isto é, parece que quanto mais o ser humano aprende a manusear instrumentos tecnológicos e quanto mais é invadido por eles em seu cotidiano, mais ele se torna insensível ou incapaz de dialogar (2006, p. 51).

O sentido gadameriano de diálogo apresenta-se com esse profundo sentimento humano, procurando expressar a imensurável riqueza resultante da relação entre as pessoas. Faz-se importante um resgate do diálogo, pois a incapacidade para o mesmo, “volta-se contra a própria sociedade, uma vez que o diálogo é constitutivo da ação humana e tudo o que produzimos e significamos culturalmente brota dessa capacidade de dialogar com os outros e ouvi-los” (DALBOSCO, 1997, p. 52). Ao transladar essa discussão para o âmbito das relações pedagógicas, o que se pretende é justificar uma relação pedagógica centrada no diálogo. Um

diálogo que favoreça, não um aprendizado forçado por uma postura autoritária, mas sim um crescimento mútuo e humano. O tratamento adequado da educação numa perspectiva hermenêutica significa a retomada do diálogo como centro das relações, o qual “não é um procedimento metodológico, mas se constitui na força do próprio educar – que é educar-se – no sentido de uma constante confrontação do sujeito consigo mesmo, com suas opiniões e crenças, pela condição interrogativa na qual vivemos” (HERMANN, 2002, p. 94).

Numa relação verdadeiramente dialógica não existe superposição entre interlocutores. Todos se relacionam contribuindo com sua individualidade para o crescimento e aprendizado mútuo. A hermenêutica gadameriana oferece grandes contribuições quando se pretende repensar as relações pedagógicas numa perspectiva dialógica, pois, segundo Hermann A educação é, por excelência, o lugar do diálogo, portanto o lugar da palavra e da reflexão, que ultrapassa a apropriação dos conhecimentos para nos conduzir à formação pessoal. Desde que podemos dizer a palavra, estamos em constante conversação com o mundo, instaurando a própria possibilidade de educar. Embora o homem possa se reconhecer em outros símbolos, a palavra é o império universal no qual ele pode ver a si mesmo. A palavra que circula no diálogo também é a palavra da pergunta: a pergunta que desde os gregos nos conduz à investigação incessante, a um caminho que não tem fim, porque sempre se renova pelas novas maneiras de dizer o mundo. Fazer a pergunta significa declarar a relatividade, a limitação de nosso conhecimento e reconhecer nossa finitude (2002, p. 95).

O diálogo hermenêutica, assumido com princípio no interior das relações pedagógicas, supera qualquer postura autoritária, permitindo “à educação fazer valer a polissemia dos discursos e criar um espaço de compreensão mútua entre os envolvidos” (HERMANN, 2002, p.95). Ele torna possível o sentimento de estar com o outro no domínio da compreensão, de onde surge a experiência viva da comunicação entre individualidades. Nas relações pedagógicas esta a experiência produzida pela relação dialógica, favorecendo o surgimento de novos horizontes construtores de infinitos saberes.

Referências

- ALMEIDA, Custódio Luís Silva de. *Hermenêutica e dialética: dos estudos platônicos ao encontro em Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- ALMEIDA, Custódio Luís Silva de; FLICKINGER, H.; RODEN, L. *Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Gerg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- DALBOSCO, Cláudio Almir. *Pedagogia Filosófica: Cercanias de um diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FLICKINGER, Hans-Georg. *O Fundamento Ético da Hermenêutica Contemporânea*. Veritas. Porto Alegre. n. 2, p. 169-179, jun., 2003.
- GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na época da Ciência*. Trad. Ângela Dias. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiro, 1983.
- _____. *Verdade e Método: Complemento e índices*. Trad. Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GRONDIN, Jean. *Introdução à Hermenêutica Filosófica*. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo, 1998.
- HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.